



FOLHA DOMINICAL

Domingo de Pentecostes

Primeira Leitura (Atos 2, 1-11)

Quando chegou o dia de Pentecostes, os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente, fez-se ouvir, vindo do Céu, um rumor semelhante a forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem. Residiam em Jerusalém judeus piedosos, procedentes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou muito admirada, pois cada qual os ouvia falar na sua própria língua. Atônitos e maravilhados, diziam: «Não são todos galileus os que estão a falar? Então, como é que os ouve cada um de nós falar na sua própria língua? Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, vizinha de Cirene, colonos de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, ouvimo-los proclamar nas nossas línguas as maravilhas de Deus».

A cena descrita é uma composição ao estilo de Lucas que recolhe a memória de uma tradição associada a uma experiência extática vinculada aos Doze e sucedida após a Páscoa. Apresenta de forma dramatizada a receção do Espírito por parte dos apóstolos e estabelece este facto como a categoria fundante da Igreja. A união entre o Espírito e a origem da comunidade está também recolhida noutros textos do Novo Testamento, mas Lucas é o único autor que oferece um relato encenado. O excerto contém dois quadros: a manifestação do Espírito (2,1-4) e a constatação do facto por parte de judeus piedosos que se encontravam em Jerusalém (2,5-11). O primeiro está descrito com relativa sobriedade. Já no segundo, o autor prioriza a reação daqueles que foram testemunhas deste facto e que também se converterão nos seus destinatários. A irrupção do Espírito é descrita como um fenómeno inesperado, visível e audível, após o qual os discípulos começam a falar em línguas estranhas, de forma a serem compreendidos por outros no seu próprio idioma. Os judeus da diáspora que os ouvem reagem com confusão devido à incongruência que percebem entre a sua origem e a capacidade comunicativa que estão a mostrar. Para acentuar o alcance desta capacidade, descreve-se cuidadosamente a origem dos presentes, reforçando deste

modo a ressonância universal do acontecimento, ainda que circunscrita ao âmbito judaico. A ambiguidade do sucedido exigirá uma interpretação que será dada em forma de discurso posto na boca de Pedro e situado a seguir a este texto.

Segunda Leitura (1 Cor 12, 3b-7.12-13)

Irmãos: Ninguém pode dizer «Jesus é o Senhor» a não ser pela ação do Espírito Santo. De fato, há diversidade de dons espirituais, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Em cada um se manifestam os dons do Espírito para o bem comum. Assim como o corpo é um só e tem muitos membros e todos os membros, apesar de numerosos, constituem um só corpo, assim também sucede com Cristo. Na verdade, todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos batizados num só Espírito, para constituirmos um só Corpo. E a todos nos foi dado a beber um único Espírito.

Paulo aborda o tema dos dons do Espírito no contexto das exortações sobre a ordem nas assembleias litúrgicas (11,1–14,40). Reflete sobre a sua utilidade, finalidade e o papel que desempenham na edificação da comunidade. Pretende fornecer critérios que permitam discernir a sua validade. Deixa claro, em primeiro lugar, que o Espírito está presente em toda a experiência cristã, não apenas na explicitamente carismática, e que esta implica o reconhecimento de Jesus Cristo como único Senhor. Por sua vez, sublinha simultaneamente a unidade e diversidade destes dons através de uma breve, mas elaborada, reflexão trinitária. Refere-os a um mesmo Espírito, um mesmo Senhor, um mesmo Deus. Atribui especialmente a sua origem ao Espírito e indica que foram conferidos para o bem comum, fazendo desta dimensão comunitária algo essencial para a sua existência e exercício. Aprofunda, finalmente, a dimensão eclesiológica da ação do Espírito através da metáfora do corpo, motivo muito utilizado no mundo grecolatino para referir-se aos deveres comunitários. Paulo identifica a comunidade cristã com Cristo, empregando uma fórmula sintética com a qual pretende apresentá-la como o corpo total de Cristo. Afirma a existência, neste corpo, de uma pluralidade diversificada de membros destinados à unidade. O mesmo Espírito que está na origem desta pluralidade, está também na necessária unidade, que é garantia contra qualquer processo desagregador.

Evangelho (Jo 20, 19-23)

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco». Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o

Senhor. Jesus disse-lhes de novo: «A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos».

João aborda a questão do acesso à fé pascal e a sua natureza. Está narrada como a confirmação da promessa de Jesus de que não deixará órfãos os seus seguidores (Jo 14,18). O anúncio do envio do Espírito (Jo 14,26; 15,26; 16,7) e da paz (Jo 16,33) encontram também aqui o seu cumprimento, assim como a afirmação de que os discípulos se encherão de alegria ao vê-lo (Jo 16,22). Contém um relato de aparição e palavras de Jesus que consistem num envio, na doação do Espírito e na concessão do poder de perdoar. A aparição é apresentada como um modo extraordinário da presença de Jesus. Mostrando os sinais da sua paixão, Jesus afirma que o ressuscitado é o crucificado, respondendo assim à pergunta formulada no episódio anterior sobre onde tinham levado o seu corpo (Jo 20,13). A sua saudação de paz é um gesto eficaz que faz os discípulos passarem do medo, temor e reclusão à alegria e à assunção de uma responsabilidade. A condição de possibilidade da fé pós pascal e da comunidade configurada em torno dela, assenta aqui no encontro com o ressuscitado e na doação do Espírito que guiará os seus seguidores à verdade plena.

Deus nas letras humanas

Chamo-Te

Chamo-Te porque tudo está ainda no princípio
E suportar é o tempo mais comprido.

Peço-Te que venhas e me dês a liberdade,
Que um só de Teus olhares me purifique e acabe.

Há muitas coisas que não quero ver.

Peço-Te que sejas o presente.
Peço-Te que inundes tudo.
E que o Teu reino antes do tempo venha
E se derrame sobre a Terra

Em Primavera feroz precipitado.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Avisos Paroquiais | 19 a 26 de Maio

19 | Domingo de Pentecostes

Celebração do sacramento da crisma | 11:00

20 | Outras leituras | 21:30

21 | Reunião da comissão permanente do Conselho Paroquial Pastoral | 21:30

22 | Recoleção com a catequese em Silvalde | 12:30

24 | Reunião com a Pastoral Juvenil | 21:30

25 | Dia da Casa Comum - Recolha de Papel para reciclar. Os fundos angariados serão para a sustentabilidade das nossas escolas na Guiné.

Sarau cultural no casino de Espinho de angariação de fundos para a Guiné | 21:30

26 | Santíssima Trindade

Celebração da Primeira comunhão | 16:00

08 | Workshop de provas de vinhos | 10:00 | Inscrições limitadas.